

## CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO DE HOMENS SOBRE ADESÃO DO PRESERVATIVO MASCULINO

Men's knowledge and behavior regarding male condom adherence

Thiago Lopes-Brito<sup>1</sup>  
Elias Marcelino da Rocha<sup>2</sup>  
Alisséia Guimarães Lemes<sup>3</sup>

### RESUMO

Estudos apontam a baixa prevalência do uso de preservativos na população brasileira e disparidades socioeconômicas e demográficas são observadas, reforçando a necessidade de revisitar, fortalecer e ampliar as políticas públicas no campo da saúde sexual, com vistas à prevenção de comportamentos sexuais de risco e à promoção abrangente do uso do preservativo. Destaca-se equívocos de iniciativas de promoção de saúde e de prevenção de Infecção Sexualmente Transmissível (IST), bem como fragilidades no diálogo que se emaranha entre sentimentos, percepções e atitudes para o uso de forma segura, notando-se pouca efetividade das ações programáticas. Descrever o conhecimento e verificar a atitude de homens sobre a adesão ao preservativo masculino. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, com abordagem quantitativa, sendo entrevistados 361 homens, através de um questionário divulgado no google forms, com aprovação do *Comitê de Ética e Pesquisa 2.062.048*. Identificou-se a média de idade 24,5 anos, 42% moravam com pais ou familiares, 26% sozinhos, 22% com a parceria, 66% são solteiros e 40% com ensino superior incompleto. Sobre a sexualidade, 65,5% identificaram sendo heterossexuais, a média de idade para primeira relação sexual foi com 15 anos, sendo que 45% não usaram preservativo e 71% da amostra mantem vida sexual ativa. Constatou-se ainda que, 18% não tem liberdade de conversar sobre preservativo em casa, 17% precisam esconder as camisinhas, 25% as vezes tem dificuldade de colocá-la, 57% nunca treinaram o uso de camisinha e 19% já transaram sem camisinha por não conseguir colocá-la.

**Palavras-chave:** Preservativos. Comportamento sexual. Saúde sexual e reprodutiva.

### ABSTRACT

Studies indicate the low prevalence of condom use in the Brazilian population and socioeconomic and demographic disparities are observed, reinforcing the need to revisit, strengthen and expand public policies in the field of sexual health, with a view to preventing risky sexual behaviors and promoting comprehensive use of condoms. Mistakes in health promotion and Sexually Transmitted Infection (STI) prevention initiatives stand out, as well as weaknesses in the dialogue that is entangled between feelings, perceptions and attitudes towards safe use, noting little effectiveness of programmatic actions. Describe the knowledge and verify the attitude of men regarding adherence to the male condom. This is an exploratory, descriptive study, with a quantitative approach, interviewing 361 men, through a questionnaire published on Google Forms, with approval from the Ethics and Research Committee 2,062,048. The average age was 24.5 years, 42% lived with parents or family, 26% alone, 22% with a partner, 66% were single and 40% had incomplete higher education. Regarding sexuality, 65.5% identified themselves as heterosexual, the average age for first sexual intercourse was 15 years old, 45% did not use condoms and 71% of the sample maintained an active sexual life. It was also found that 18% do not have the freedom to talk about condoms at home, 17% need to hide the condoms, 25% sometimes have difficulty putting them on, 57% have never practiced using a condom and 19% have had sex without condom because I couldn't put it on.

**Keywords:** Condoms. Sexual behavior. Sexual and reproductive health.

<sup>1</sup> Graduando em Enfermagem, UFMT, thiagolopesbritto@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Saúde, UFMT, eliasufmt@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Enfermagem Psiquiátrica, UFMT, alisseia@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

No mundo inteiro se utiliza o preservativo para evitar IST e gravidez indesejadas. Em 2019 a OMS declarou que todos os dias aumentava mais de 1 milhão de pessoas que contraem IST entre 15 e 49 anos, no entanto o uso de preservativo é a forma mais eficaz de prevenção (MESQUITA, 2019). Aragão *et al.* (2016) descreveu que no Brasil esse quadro se apresentava em torno de 10 a 12 milhões de casos por ano. Em exemplo disso teve um grande aumento de sífilis no Brasil em virtude do uso inconsistente do preservativo, a sífilis adquirida teve sua taxa de detecção aumentada de 34,1 casos por 100 mil habitantes, em 2015, para 75,8 casos por 100 mil habitantes em 2018 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

O homem, ao longo de sua história, criou diversos métodos para aumentar a liberdade sexual sem consequências indesejadas como as IST e gestação. Por isso, após diversas tentativas de desvincular relação sexual de procriação, bem como de infecções, foi criado o preservativo de látex, produzido a partir de 1880 e popularizado a partir da década de 1930 principalmente nos Estados Unidos (COSTA *et al.*, 2013).

O contexto histórico, as crenças e os valores estão arraigados, e, por isso, a comunicação sobre sexualidade é dificultosa ou quase inexistente no âmbito familiar e educacional. Isso desfavorece o conhecimento efetivo sobre o exercício da sexualidade responsável, provoca o aparecimento do sentimento negativo, como o medo, todavia podendo levar a procura tardia pelos serviços de saúde e induz os homens a buscarem informações com os colegas, que na maioria das vezes, as fornecem de maneira incorreta ou equivocada (SANTOS *et al.*, 2016).

O início da vida sexual dos brasileiros ocorre, em geral, durante a adolescência e perdurando por toda a vida. Segundo a pesquisa realizada por Barbosa e Koyama (2008), a média de idade da primeira relação sexual no Brasil é de 14,9 anos. Dados mais recentes demonstram que 29% dos adolescentes de 13 a 15 anos citados na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2012, já tinham iniciado a vida sexual (IBGE, 2013). A idade precoce das atividades sexuais, o uso inconsistente dos preservativos e a opção por múltiplas parcerias são fatores que podem estar relacionados à vulnerabilidade à infecções, sem pensar na criação de vínculos efetivos e relações sexuais seguras (BRASIL, 2014).

No Brasil, profissionais expertise em sexualidade, como Marcos Ribeiro, Lena Vilela, Mary Neide Figueiró e Ana Canosa, bailam em suas palavras em busca de um entendimento para a construção saudável da sexualidade, onde as pessoas possam expressarem livremente suas dúvidas e curiosidades para conceitos básicos, como de higiene íntima e hábitos saudáveis de vida.

Em um mundo cada vez mais interligado e repleto de informações, a saúde do homem e sexualidade masculina ainda é muito negligenciada. Talvez o preconceito seja a principal forma internalizada de justificar a falta de tempo do homem em busca do cuidar de si. Os tabus entrelaçados na sociedade de que o homem é forte, macho e viril, traduz assim aspectos de que não precisa conversar e expressar seus temores, necessidades e a miscelânea de sentimentos.

Diante desse contexto e experiências vivenciadas na minha jornada acadêmica de Enfermagem e das intensas participações nas atividades de extensão no projeto pró-homem e em rodas de conversa sobre saúde e sexualidade, me fez refletir e assim emergiu a ideia de ampliar os horizontes com objetivo de buscar a compreender as fragilidades de homens, bem como seus comportamentos acerca da adesão do preservativo masculino.

Ressalta que este estudo não tem por intenção de aprofundar sobre IST e gravidez não planejada, mas sim trazer à tona elementos que possa contextualizar a vivência de uma sexualidade saudável e prazerosa. Nessa vertente busca sensibilizar o leitor a apreciar o toque, o estar junto, criar vínculo e sentimentos, que faz o coração bater mais forte, bem como levar as pessoas a refletirem sobre as possibilidades em aprender a controlar seus limites diante da explosão experienciada pelo desejo sexual.

## **2. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório com abordagem quantitativa, realizado com a finalidade de avaliar a adesão de homens quanto ao uso do preservativo masculino, bem como o conhecimento quanto a sua utilização adequada.

A pesquisa foi realizada com 361 homens, no primeiro semestre do ano de 2022, deste modo, utilizou-se como instrumento de coleta de dados, um questionário estruturado online através do google forms, dentre as instruções entrava-se motivos para a adesão, o não uso do preservativo e conhecimento quanto a utilização do preservativo. O pesquisador enviou para homens através de grupos de whatsapp, instagram, facebook e outras redes sociais.

Os critérios de inclusão foram: homens maiores de 18 anos, logo o critério de exclusão: possui idade inferior a 18 anos, recusar a participar da pesquisa, não conseguem responder o questionário devido a sua cognição, bem como homens em situação de encarceramento, como presidiários e moradores de abrigos e casas de passagem.

A coleta de dados se deu após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Araguaia (UFMT/CUA), sob o número: 2062048. Obtendo-se os

dados, foi realizada a análise do resultado que foi calculado automaticamente através do google forms.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste trabalho foram entrevistados 361 homens, com a média de idade 24,5 anos, em todo o território Nacional Brasileiro. Identificou-se que a maioria tinha como moradia a cidade de Barra do Garças – Mato Grosso, sendo que a maior parte 42% moraram com os pais ou familiares, 26% residiam sozinhos e 22% com a parceria sexual, visto que 66% eram solteiros e 15% casados. A prevalência em relação a cor da pele foi parda e branca; e sobre a religião, 38% mencionaram serem católicos e 22% manifestaram serem evangélicos.

**Tabela 1** – Escolaridade dos entrevistados (n=361). Região centro-oeste do estado de Mato Grosso, Brasil, 2023.

<b>Descrição</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Escolaridade</b>		
Ensino superior incompleto	145	40%
Ensino superior completo	105	29%
Ensino médio incompleto	19	5%
Ensino médio completo	72	20%
Mestrado	12	3,5%
Doutorado	8	2,5%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

De acordo com os resultados da tabela 1, 40% dos entrevistados têm o ensino superior incompleto e 29% têm o ensino superior completo. Elucidou na pesquisa de Mendes *et al.* (2021), que a iniciação sexual está acontecendo cada vez mais precoce na população brasileira, tendo-se observado menor idade média dos indivíduos do sexo masculino, com menor renda financeira, menor escolaridade e que vivem na região Norte do país, o que evidencia importantes iniquidades sociais.

Oliveira-Campos *et al.* (2014), refere que a ocorrência da iniciação da vida sexual precoce em homens pode ser explicada pela pressão social, já que ela é considerada uma prova de masculinidade e um diferencial de gênero. Evidencia-se a baixa escolaridade como fator de risco para comportamentos e práticas sexuais de risco, o que possivelmente está relacionado ao menor acesso às informações, sobre os mecanismos de prevenção e transmissão das IST, bem como as consequências advinda de infecções de difícil tratamento e algumas incuráveis, como o HIV.

Em contrapartida na análise feita por Gräf, Mesenburg e Fassa (2020), com 1.547 universitários maiores de 18 anos em Pelotas-RS, faz uma associação entre uso de aplicativos e

comportamentos sexuais de risco, que chamou a atenção, porque, apesar da população de sua pesquisa ter alta escolaridade e parcerias sexuais eventuais, não fazem o uso consistente de camisinha.

Nascimento, Cavalcanti e Alchieri (2017), fez uma análise do impacto exercido pelo maior grau de escolaridade no uso do preservativo, obteve-se associação positiva, embora mereça atenção os níveis ainda muito reduzidos da adoção do preservativo mesmo por grupos com maior nível de instrução educacional.

**Tabela 2** – Orientação sexual dos entrevistados (n=361). Região centro-oeste do estado de Mato Grosso, Brasil, 2023.

Descrição	N	%
<b>Orientação sexual</b>		
Heterossexual	237	65,5%
Homossexual	74	20,5%
Bissexual	36	10%
Prefiro não responder	14	4%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Em relação aos resultados da tabela 2, identificou-se que a grande maioria são de heterossexuais com 65,5%, seguida por homossexuais com 20,5%. Em uma análise realizada por Assis, Gomes e Pires (2014), com 3.205 entrevistados em 10 capitais do Brasil, mostrou que 3,0% da sua pesquisa era de homossexuais e bissexuais, evidenciando que esses se expõem mais a fatores de risco à saúde do que aqueles que são heterossexuais, apontando para possíveis comprometimentos à sua saúde.

O cenário da orientação sexual deve ser visualizado com muita sensibilidade quando se trata de educação sexual, tendo em vista que Madureira e Trentini (2008) evidenciou no seu estudo com públicos heterossexuais que o uso do preservativo nas relações conjugais pode ser intermitente, coincidindo com os intervalos no uso do anticoncepcional. Neste sentido, a pesquisa desenvolvida por Ramos *et al.* (2021) com 169 entrevistados relata que o indicador de comportamentos sexuais de risco em homens não indicou diferença significativa para os grupos de diferentes orientações sexuais. No entanto, foi observado o uso mais inconsistente do preservativo em homens heterossexuais, seguido por bissexuais e homossexuais.

**Tabela 3** - Uso preservativo na primeira relação sexual e vida sexual ativa (n=361). Região centro-oeste do estado de Mato Grosso, Brasil, 2023.

<b>Descrição</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Preservativo</b>		
Sim	196	54,5%
Não	165	45,5%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>
<b>Vida sexual ativa</b>		
Sim	257	71%
Às vezes	88	24,5%
Não	16	4,5%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Na tabela 3 constatou-se que 45,5% não utilizaram preservativo na primeira relação sexual com penetração. Pesquisa realizada por Hugo *et al.* (2011) com 1468 jovens na cidade de Pelotas no estado do RS, identificou-se que 41,9% não usaram proteção na primeira relação sexual, semelhante ao que foi encontrado na pesquisa de Jardim e Santos (2012) com 166 jovens em uma escola pública da cidade de São Paulo mostrou também que 45,7% não fez o uso do preservativo.

Hugo *et al.* (2011) considerou na sua pesquisa que os achados do estudo sugerem que esse padrão do não uso do preservativo poderá persistir por toda a vida do jovem com relação ao uso de preservativos e o risco de iniciar a vida sexual precocemente acarretará há um número maior de parcerias sexuais e conseqüentemente aumentará a probabilidade de contrair IST e gestações indesejadas.

Jardim e Santos (2012) compreende que uns dos motivos para o não uso da camisinha nas relações sexuais é a falta de planejamento do coito ou a resistência em interromper o momento das preliminares para a colocação do preservativo e expressam maior resistência por parte do público masculino quanto à utilização do preservativo, o que confirma que os estereótipos de gênero predominantes na sociedade conferem maior poder ao homem, o que muitas vezes impede a mulher de negociar o uso de preservativo nas relações sexuais.

A temática aqui abordada com a população masculina se passa também pela desigualdade de gênero baseando-se na maior susceptibilidade das mulheres às IST em virtude da desvantagem biológica e na maior dificuldade de negociação com o parceiro sobre o uso do preservativo, o que se agrava mais entre as mulheres em parcerias estáveis, de baixa escolaridade, com menor renda, acima de 45 anos e residentes em regiões com maiores disparidades socioeconômicas (FELISBINO-MENDES *et al.*, 2021).

Enfatiza-se neste trabalho que 66% dos homens pesquisados são solteiros, com média de 24,5 anos de idade, bem como 45,5% não usaram preservativo em sua primeira relação sexual, como também 71% manifestaram ter vida sexual ativa. Diante do perfil aqui apresentado, destaca-se uma maior vulnerabilidade quanto ao autocuidado em relações sexuais, com o uso inconsistente do preservativo, e com isso o indivíduo deve rever suas condutas para o uso consistente, a fim de evitar desprazeres em consequência de relações sexuais desprotegidas.

**Tabela 4** - Alguma vez deixou de ter relações sexuais por não ter preservativo (n=361). Região centro-oeste do estado de Mato Grosso, Brasil, 2023.

<b>Deixou de transar</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	215	60%
Não	146	40%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

De acordo com os resultados apresentados na tabela 4, 60% dos entrevistados afirmaram que deixaram de fazer sexo por não ter o preservativo no momento. Um estudo realizado por Rodrigues *et al.* (2022) demonstrou também que as pessoas com mais controle comportamental estavam mais atentas na prevenção, isto é, mais focadas em manter a segurança afim de evitar a contaminação por IST.

Bezerra *et al.* (2015), fez uma observação em sua pesquisa que a representação social de que a relação sexual sem camisinha é boa e gostosa, ou seja, oferece prazer e satisfação, mesmo que haja grande risco de contrair IST, bem como gravidez indesejada. Em congruência com esse conteúdo, tem-se ainda a representação de que a relação sexual com camisinha não oferece a mesma qualidade de prazer, mesmo sabendo que o uso do preservativo em relações sexuais esporádicas ou casuais é a melhor maneira para uma relação segura, quando usada corretamente.

**Tabela 5** – Desejo sexual alto, tinha camisinha e não usou (n=361). Região centro-oeste do estado de Mato Grosso, Brasil, 2023.

<b>Descrição</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Tinha camisinha e não usou</b>		
As vezes	119	33%
Raramente	94	26%
Nunca	89	25%
A maioria das vezes	43	12%
Sempre	16	4%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

De acordo com a tabela 5, identificou-se que 33% dos participantes responderam que às vezes tinha camisinha e não utilizou pelo intenso sentimento envolvido nos momentos das preliminares, seguido por 26% que disseram que utilizaram a proteção raramente. Neste cenário Nogueira *et al.* (2018) com uma pesquisa na cidade Fortaleza com 10.175 entrevistados mostrou que 28% dos homens não utilizaram o preservativo para não diminuir o intenso desejo das preliminares.

Ainda neste sentido, Nogueira *et al.* (2018) cita que um estudo sobre sexualidade, reconheceram que o principal motivo para não utilizarem sempre o preservativo foi “não ter camisinha à mão” sempre que necessário, concordando com o motivo “não deu tempo de colocar, era muito tesão”. Esses achados enriquecem a presente pesquisa, sendo uma variável relevante entre os homens, caracterizando um descuido em sua qualidade de vida. Esse comportamento põe em risco a população masculina, pois uma única relação sexual desprotegida poderá resultar em contaminação e posteriores transmissões de microrganismos.

Em concordância com Santos *et al.* (2016), na pesquisa realizada com 79 entrevistados destacou que grande parte dos interrogados utilizaram o preservativo de forma descontínua e alternada, demonstram despreocupação com riscos e reportam suas atenções às gestações inoportunas e sobre as possíveis doenças adquiridas. Esse comportamento considerado de risco pode estar associado à atração por fortes emoções, excitação e distanciamento dos pensamentos, magias e sorte, de que nada dará errado. Percebe-se que a imaturidade influencia na distorção da realidade, fazendo com que as pessoas não se julguem vulneráveis e conseqüentemente exerçam uma postura errônea (SANTOS, *et al.*, 2016).

A educação sexual caminha no sentido de sensibilizar as pessoas para a prática sexual prazerosa e segura. Dessa maneira enfatiza que o preservativo deve fazer parte do jogo erótico nas preliminares. A camisinha precisa ser uma estratégia no momento da sedução, usando a criatividade para manter a ereção peniana, durante abertura e desenrolar do preservativo. Para este desfecho as pessoas não precisam parar ou diminuir o toque, caricias, bem como o encantamento arrebatador com gemidos e palavras que aumentam o desejo sexual durante a colocação da camisinha. Tal atitude deve ser propagada a fim de deixar os homens mais seguro em relação ao temor de perder a ereção enquanto coloca o preservativo.

Na jornada do conhecimento e habilidade na colocação do preservativo, a fim de diminuir o nervosismo e insegurança, destaca-se que para deixar os homens menos tensos e ansiosos, é de grande valia saber exatamente onde está o preservativo, deixar a camisinha semiaberta para facilitar o manuseio, tamanho adequado para não causar desconforto peniano, bem como a espessura para não alterar tanto a sensibilidade principalmente da glândula. Tal postura e comportamento passa-se por uma



mudança de foco no desenvolvimento humano para uma cultura de responsabilidade contribuindo para relações sexuais seguras e prazerosas.

**Tabela 6** – Objetivo para fazer uso da camisinha (n=361). Região centro-oeste do estado de Mato Grosso, Brasil, 2023.

Descrição	N	%
<b>Objetivo</b>		
Evitar IST	159	44%
Evitar gravidez	54	15%
Evitar gravidez, IST e não conhecer a parceria	53	14,5%
Evitar gravidez e IST	48	13%
Não conhecer as parcerias	24	7%
Não respondeu	23	6,5%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2023).

A tabela 6 destaca que a maioria das vezes para a utilização do preservativo é com objetivo de evitar IST 44% e logo em seguida evitar gravidez com 15%. A pesquisa realizada por Nascimento, Cavalcanti e Alchieri (2017) com 3482 indivíduos mostrou resultados semelhantes, evidenciando que 42,6% dos entrevistados usaram o preservativo para evitar IST e 35,7% para evitar gravidez.

Nascimento, Cavalcanti e Alchieri (2017) justificaram que o uso do preservativo na última relação sexual, estava totalmente embasado na prevenção de IST. Pesquisa de Oliveira *et al.* (2015) com 379 indivíduos retrata que o levantamento daqueles que fizeram uso do preservativo nas relações sexuais, esperava-se que o seu uso fosse primariamente para evitar IST, uma vez que os adolescentes cresceram no advento da Aids, no entanto o seu uso está relacionado à prevenção de uma gravidez, tanto na primeira quanto na última relação sexual.

Independente do objetivo primaz sobre o uso da camisinha, muitas pessoas não estimam as consequências vivenciadas por uma IST ou gravidez não planejada. Destaca-se que uma gravidez inesperada poderá ser resultado de atitudes de poucos segundos de aventuras sexuais prazerosas em consequência de abandono afetivo, relacionado a paternidade, bem como o nascimento de uma criança com deficiência e sobrecarga materna em caso da separação dos pais, todavia poderá resultar de ações judiciais em busca de pensão alimentícia, além dos desafetos entre pai e mãe, que poderá trazer traumas intensos para a criança.

Neste ambiente de atitudes impensadas, cita-se também aspectos emocionais e psicológicos diante da possibilidade de uma IST curável ou não, como é o caso do HIV. Essas consequências são capazes de tirar a paz e harmonia ao longo da vida, devido ao comportamento de risco pelo uso inconsistente do preservativo.

**Tabela 7** – Dificuldade para colocar a camisinha (n=361). Região centro-oeste do estado de Mato Grosso, Brasil, 2023.

<b>Descrição</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Dificuldade</b>		
Nunca	136	38%
Raramente	103	28,5%
Às vezes	90	25%
A maioria das vezes	20	5,5%
Sempre	13	3%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A tabela 7 destacou que 38% dos entrevistados nunca tiveram dificuldade de pôr o preservativo e os outros 62% tiveram algum inconveniente para executar com habilidade a técnica correta. Sendo assim, entra a questão da instrução que deveria acontecer na grade escolar de acordo com o Programa Saúde na Escola, com objetivo de contribuir com a educação básica para a vida, no entanto, a discussão sobre o uso do preservativo que é um ponto decisivo na construção do conhecimento de relação sexual segura, contudo esse tema continua sendo um tabu em pleno século XXI.

Para dar mais brilho a esse contexto, destaca-se que 57% dos homens entrevistados nessa pesquisa mencionaram que nunca treinaram como colocar o preservativo masculino corretamente. Bataglião e Mamede (2011) na sua análise destaca que o motivo que levou 38,23% dos entrevistados a usarem a pílula de emergência foi a ruptura do preservativo devido ao uso inadequado.

De acordo com a Organização Pan-americana de saúde, o Brasil ocupa segundo lugar no ranking entre países da América e Caribe em gravidez de adolescentes e, alta taxas de IST. Wendlan *et al.* (2018), mostra em sua pesquisa a alta prevalência de HPV, sendo 38,4% são de HPV com alto risco para o desenvolvimento de câncer. Miranda *et al.* (2021) argumenta que a falta de conhecimento e a circulação de notícias falsas sobre imunizações são exemplos de fatores que contribuem para coberturas vacinais baixas na vacinação contra HPV. No entanto o uso consistente do preservativo poderia servir de medida protetiva para este agravo.

Outro fator que dificulta a adesão e o uso consistente do preservativo é a falta de treinamento. Os esportistas treinam para ter habilidade e prática diante das competições, todavia, as pessoas desconhecem que para ter aptidão na colocação do preservativo há necessidade de preparo e treino adequado, no entanto, os fatores como ansiedade e condições emocionais que envolvem preliminares e relações sexuais esporádicas podem trazer maiores sensações de euforia e conseqüentemente o uso inconsistente do preservativo.

A habilidade para colocar a camisinha com efetividade passa-se por uma construção social, onde deve-se ter oportunidade de falar sobre educação sexual tranquilamente, sem medo, com liberdade e sem julgamentos preconceituosos. A falta de educação sexual torna-se a construção da promoção a saúde ineficaz, pois a maioria dos homens nunca tiveram a oportunidade de participarem de oficinas para aprender corretamente e treinar em um ambiente seguro para ter destrezas com o preservativo.

Nesse contexto do aprendizado muitos homens têm vergonha em adquirir preservativo seja no setor público, supermercado ou em farmácias, com temor sobre o que as outras pessoas vão pensar com essa atitude. Tal comportamento distanciam os homens de atitudes preventivas, desconhecendo que existe vários tamanhos de preservativos onde eles poderiam encontrar um que seja mais confortável durante as atividades sexuais com penetração.

De modo geral, pesquisas apontam como fator predisponente ao não uso da camisinha a interferência causada por esse método no prazer durante a relação sexual, cujo pensamento pode ser oriundo dos mitos presentes na sociedade relacionados ao uso do preservativo e ao prazer sexual. Embora a maior ênfase dos programas de prevenção esteja focada no uso do preservativo, esta prática traz consigo um conjunto de situações em que os preconceitos são mais fortes que a razão (SILVA; VARGENS, 2009).

**Tabela 8** – A camisinha estourou nos últimos meses (n=361). Região centro-oeste do estado de Mato Grosso, Brasil, 2023.

<b>Descrição</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Estourou</b>		
Nunca	246	68%
Raramente	76	21%
Às vezes	30	8,5%
A maioria das vezes	9	2,5%
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Considerando o rompimento de preservativo abordado na tabela 8, evidenciou-se que a soma das opções, (raramente, às vezes e a maioria das vezes) perfaz o total de 32 % que já vivenciaram esta ingrata experiência. Vargas *et al.* (2017) destaca em seu estudo que 27% dos seus entrevistados tiveram rompimento da camisinha, Barbian *et al.* (2021) mostra em sua pesquisa com 1.740 entrevistados na cidade de Santa Maria – RS, que 23,4 % também passaram por este incidente. É importante ressaltar que o preservativo é o método mais seguro, no entanto o uso inconsistente pode trazer sérias consequências, como o risco de contrair IST e gravidez indesejada.

Pesquisa realizada por Oliveira *et al.* (2009) embasado na organização mundial da saúde destaca que o risco do preservativo romper constitui em uma das principais crenças negativas, bem como, falhas nos preservativos estão relacionadas a rompimentos ou a saída do mesmo durante o intercursos sexual. Tais situações poderão ocorrer devido a colocação inadequada, não desenrolar o preservativo até a base do pênis, escolha de um preservativo incompatível com o tamanho do pênis e o armazenamento inadequado.

Borges *et al.* (2010) trouxe contribuições que chamaram a atenção nas respostas dos seus entrevistados, que reportaram falhas no preservativo, tais como ruptura e retenção na vagina ou no ânus, eventos que podem invocar, em certa medida, o uso incorreto deste método, tido como de alto conhecimento entre os jovens.

Nascimento e Alano (2020), mencionaram que a Associação Portuguesa para a Prevenção e Desafio à HIV em 2018, destacaram que o principal motivo para a falha do preservativo ocorre pela sua utilização incorreta ou inconstante e não pela falha do método propriamente dito. Acrescenta-se ainda que a pesquisa foi realizada em 14 países diferentes entre 1995 e 2011 que permitiu detectar vários problemas quanto ao modo de uso, mas, principalmente, por não garantir a integridade do preservativo antes de sua utilização (74,5%), corroborando com 94,8% de hábitos e modos de uso incorretos podem interferir na qualidade do produto e sua eficácia.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou fragilidades no conhecimento e podendo ocasionar vulnerabilidade diante dos comportamentos dos entrevistados. A falta de conhecimento e informações sobre preservativo, tais como o tamanho adequado, forma de armazenamento e a utilização correta poderá acarretar falhas e conseqüentemente, pode-se observar que o uso inconsistente do preservativo trará riscos e conseqüências.

O uso inconsistente do preservativo devido ao déficit de educação sexual e falta de treinamento na colocação da camisinha, poderá ocasionar IST e gravidez indesejada, contribuindo para relações sexuais desprazerosas. A ausência de diálogo efetivo sobre práticas sexuais seguras advém de mitos e tabus construídos socialmente em uma cultura machista. Nesse contexto a maior preocupação dos entrevistados é evitar IST, no entanto as conseqüências em virtude da não adesão ao preservativo masculino poderá resultar também em uma gravidez não planejada.

Dessa maneira o ambiente escolar é um dos espaços adequados para fazer educação em saúde, tais como firmar parcerias que envolva políticas públicas focando na educação sexual, a fim de discutir sobre sexualidade de uma maneira leve, descontraída e efetiva. Nesse sentido sensibilizar

os profissionais da saúde e da educação com medidas que proporcione conhecimento e autonomia ao indivíduo tornando-o protagonista da promoção da saúde e prevenção de agravos, bem como capacitar previamente para identificar os comportamentos de risco.

Diante do déficit de conhecimento e da pouca adesão do preservativo masculino, há necessidade de que ampliem estratégias ao acesso às informações no campo da saúde sexual. Nesse universo a inclusão de uma disciplina sobre a sexualidade no currículo escolar desde as séries iniciais seria de grande valia, expandindo a visibilidade do conteúdo para além da biologia e da reprodução, mais também uma necessidade básica do bem viver.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, J. S. *et al.* Vulnerabilidade associada às infecções sexualmente transmissíveis em pessoas com deficiência física. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro - RJ, v. 21, n. 10, p. 3143-3152, out. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2016.v21n10/3143-3152/env> . Acessado em: Set, 2023.

ASSIS, S. G.; GOMES, R.; PIRES, T. O. Adolescência, comportamento sexual e fatores de risco à saúde. **Revista de Saúde Pública**, Rio de Janeiro - RJ, v. 48, p. 43-51, fev. 2014. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/5dkz38PMxH7rz5MPZzjyFgm/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

BARBIAN, J. *et al.* Anticoncepção de emergência em universitárias: prevalência de uso e falhas no conhecimento. **Revista de Saúde Pública**, Santa Maria - RS, v. 55, p.74, nov. 2021. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/s9wLTjFbzVw4K4CZCdynz7j/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

BARBOSA, R. M.; KOYAMA, M. A. H. Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005. **Revista de Saúde Pública**, Campinas - SP, v. 42, n. 1, p. 21-33, abr. 2008. Disponível: <<https://www.scielo.org/pdf/rsp/v42s1/05.pdf>>. Acessado em: Set, 2023.

BATAGLIÃO, E. M. L.; MAMEDE, F. V. Conhecimento e utilização da contracepção de emergência por acadêmicos de enfermagem. **Escola Anna Nery**, Ribeirão Preto – SP, v. 15, p. 284-290, jun. 2011. Disponível:<<https://www.scielo.br/j/ean/a/z7KmH49G6rdMsMnbfHrN5Kp/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

BEZERRA, E. O. *et al.* Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Fortaleza – CE, v. 36, n. 1. mar. 2015. Disponível:<<https://www.scielo.br/j/rngen/a/6cnB3hkZ398HRKMSNPrjJNx/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set. 2023.

BORGES, A. L. V. *et al.* Práticas contraceptivas entre jovens universitários: uso da anticoncepção de emergência. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro - RJ, v.26, n.4, p. 816-826, abr, 2010. Disponível:

[https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csp/v26n4/23.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v26n4/23.pdf). Acessado em: Set. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília. Brasília – DF, p. 11-23. abr, 2015. Disponível:

[https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/protocolo\\_clinico\\_diretrizes\\_terapeutica\\_atencao\\_integral\\_pessoas\\_infecoes\\_sexualmente\\_transmissiveis.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf). Acessado em: Set, 2023.

COSTA, A. *et al.* História do planejamento familiar e sua relação com os métodos contraceptivos. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador – BA, v. 37, n. 1, p. 74-74, dez, 2013. Disponível: < <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/173/357>>. Acessado em: Set, 2023.

DO NASCIMENTO, D. Z.; ALANO, G. M. Contracepção masculina e uso de preservativo por universitários do Sul de Santa Catarina. **RELATOS DE CASOS**, Porto Alegre – RS, v. 64, n. 2, p. 192-198, abr-jun, 2020. Disponível:<<https://www.amrigs.org.br/assets/images/upload/pdf/jornal/1610631629.pdf#page=26>>. Acessado em: Set, 2023.

FELISBINO-MENDES, M. S. *et al.* Comportamento sexual e uso de preservativos na população brasileira: análise da Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Belo Horizonte – MG, v. 24, p. e210018, dez, 2021. Disponível: < <https://www.scielo.org/pdf/rbepid/2021.v24suppl2/e210018/pt>>. Acessado em: Set, 2023.

GRÄF, D. D.; MESENBURG, M. A.; FASSA, A. G. Comportamento sexual de risco e fatores associados em universitários de uma cidade do Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, Pelotas – RS, v. 54, abr, 2020. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/WkRVZRqRqy438XxmvTcrznx/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

HUGO, T. D. O. *et al.* Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro – RJ, v. 27, n. 11, nov. 2011. Disponível: < <https://www.scielo.br/j/csp/a/fyhb3wk4GH8f3KTh75sRsYf/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.

JARDIM, D. P.; SANTOS, E. F. Uso do preservativo masculino por adolescentes no início da vida sexual. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro - RJ, v. 9, n. 2, jun. 2012. Disponível: < <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v9n2a06.pdf>>. Acessado em: Set, 2023.

MADUREIRA, V. S. F.; TRENTINI, M. Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/AIDS. **Ciência & Saúde Coletiva**, Concórdia – SC, v. 13, dez. 2008. Disponível: < [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v13n6/a15v13n6.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v13n6/a15v13n6.pdf)>. Acessado em: Set, 2023.

MENDES, S. de S. *et al.* Saberes e atitudes dos adolescentes frente à contracepção. **Revista Paulista de Pediatria**, Cuiabá - MT v. 29, p. 385-391, out, 2011. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/rpp/a/NfxYxrmDYGf3tcpLMpmbnRN/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

MESQUITA, G. F. **Abordagem das infecções sexualmente transmissíveis no ambiente escolar: uma reflexão baseada no processo de ensino-aprendizagem**. 2019. Disponível: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/35503/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Gemilt on%20de%20Freitas%20Mesquita.pdf>>. Acessado em: Set, 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Sífilis 2019. Bol Epidemiol. 2019 out [citado 2020 set 10];especial. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-sifilis-2019>. Acessado em: Set, 2023.

MIRANDA, A. E. *et al.* Políticas públicas em infecções sexualmente transmissíveis no Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília – DF, v. 30, mar, 2021. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/4PN8LTxznTgSGZwnvVrvYFH/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

NASCIMENTO, E. G. C. do; FERNANDES CAVALCANTI, M. A.; ALCHIERI, J. C. Adherence to condom use: the real behavior in the Northeast of Brazil. **Revista de Salud Pública**, Natal – RN, v. 19, n. 1, p. 71-80, fev, 2017. Disponível: <http://www.scielo.org.co/pdf/rsap/v19n1/0124-0064-rsap-19-01-00071.pdf>. Acessado em: Set, 2023.

NOGUEIRA, F. J. *et al.* Prevenção, risco e desejo: estudo acerca do não uso de preservativos. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza – CE, v. 31, n. 1, p. 1-8, jan-mar, 2018. Disponível: <<https://www.redalyc.org/journal/408/40854841023/40854841023.pdf>>. Acessado em: Set, 2023.

OLIVEIRA, L. *et al.* Adesão de adolescentes à camisinha masculina. **Revista de Pesquisa: Cuidado e Fundamental**, Rio de Janeiro – RJ, v. 7, n. 1, jan- mar, 2015. Disponível: <<https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750945002.pdf>>. Acessado em: Set, 2023.

OLIVEIRA, S. H. dos S. *et al.* Crenças de adolescentes portugueses sobre o uso do preservativo. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, João Pessoa – PB, v. 11, n. 4, Nov, 2009. Disponível: <[https://www.researchgate.net/profile/Simone-Oliveira-5/publication/242108414\\_Crenças\\_de\\_adolescentes\\_portugueses\\_sobre\\_o\\_uso\\_do\\_preservativo\\_Po rtuguese\\_adolescent%27s\\_beliefs\\_in\\_relation\\_to\\_the\\_use\\_of\\_the\\_condom\\_Creencias\\_de\\_adolesce ntes\\_portugueses\\_con\\_respecto\\_al\\_uso\\_del\\_condo/links/563e7e3a08aec6f17ddaaa96/Crenças-de-adolescentes-portugueses-sobre-o-uso-do-preservativo-Portuguese-adolescents-beliefs-in-relation-to-the-use-of-the-condom-Creencias-de-adolescentes-portugueses-con-respecto-al-uso-del-condon.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Simone-Oliveira-5/publication/242108414_Crenças_de_adolescentes_portugueses_sobre_o_uso_do_preservativo_Po rtuguese_adolescent%27s_beliefs_in_relation_to_the_use_of_the_condom_Creencias_de_adolesce ntes_portugueses_con_respecto_al_uso_del_condo/links/563e7e3a08aec6f17ddaaa96/Crenças-de-adolescentes-portugueses-sobre-o-uso-do-preservativo-Portuguese-adolescents-beliefs-in-relation-to-the-use-of-the-condom-Creencias-de-adolescentes-portugueses-con-respecto-al-uso-del-condon.pdf)>. Acessado em: Set, 2023.

OLIVEIRA-CAMPOS, M. *et al.* Sexual behavior among Brazilian adolescents, National adolescent school-based Health Survey (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Brasília – DF, v. 17, p. 116-130, maio, 2014. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/LNm4DZkSpLY4MM3YSx5Vkzr/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

RAMOS, M. de M. *et al.* Atitudes frente ao uso inconsistente de preservativo: proposição de uma escala. Atitudes frente ao uso inconsistente de preservativo: proposição de uma escala. **Revista Sul-Americana de Psicologia**, Aracaju- SE, set, 2021. Disponível: <[https://www.researchgate.net/profile/Mozer-De-Miranda-Ramos/publication/357918027\\_Atitudes\\_frente\\_ao\\_uso\\_inconsistente\\_de\\_preservativo\\_proposicao\\_de\\_uma\\_escala/links/61e8a5259a753545e2e28603/Atitudes-frente-ao-uso-inconsistente-de-preservativo-proposicao-de-uma-escala.pdf?\\_sg%5B0%5D=started\\_experiment\\_milestone&origin=journalDetail](https://www.researchgate.net/profile/Mozer-De-Miranda-Ramos/publication/357918027_Atitudes_frente_ao_uso_inconsistente_de_preservativo_proposicao_de_uma_escala/links/61e8a5259a753545e2e28603/Atitudes-frente-ao-uso-inconsistente-de-preservativo-proposicao-de-uma-escala.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail)>. Acessado em: Set, 2023.

RODRIGUES, D. L. Preditores de sexo sem preservativo e de comportamentos de saúde sexual numa amostra de pessoas portuguesas adultas e solteiras. **Cadernos de Saúde Societal**. Lisboa- portugal, p. 97-115, fev, 2022. Disponível: <[https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/28008/1/book\\_Part\\_89546.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/28008/1/book_Part_89546.pdf)>. Acessado em: Set, 2023.

SANTOS, C. P. *et al.* Adesão ao uso do preservativo masculino por adolescentes escolares. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, , Recife – PE, , v. 18, n. 2, p. 60-70, abr-jun, 2016. Disponível: <<https://periodicos.ufes.br/rbps/article/download/15085/10687>>. Acessado em: Set, 2023.

SILVA, C. M.; VARGENS, O. M. da C. A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo – SP, v. 43, p. 401-406, jun, 2009. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/gcS8t8qTHH7ZpVJFWsSWhWs/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Set, 2023.

VARGAS, A. *et al.* Uso indiscriminado de contraceptivo de emergência por universitárias no norte do Paraná. **Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research**, Curitiba – PR, v. 20, n. 1, set, 2017. Disponível: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23740/19072>>. Acessado em: Set, 2023.

WENDLAND, E. M. *et al.* POP-Brazil study protocol: a nationwide cross-sectional evaluation of the prevalence and genotype distribution of human papillomavirus (HPV) in Brazil. **BMJ open**, Brasil, v. 8, n. 6, p. e021170, jun, 2018. Disponível: <<https://bmjopen.bmj.com/content/bmjopen/8/6/e021170.full.pdf>>. Acessado em: Set, 2023.